

CATOLICISMO POP: UMA FÉ CONSUMISTA NA CONTRAMÃO DA LIBERTAÇÃO

POP CATHOLICISM: A CONSUMERIST FAITH ON THE AGAINST LIBERATION



Rayson Araujo^{1*}

Resumo

A Igreja católica latino-americana, reunida em Puebla, em 1979, fez uma opção preferencial pelos jovens. O cenário daquela época estava marcado por nações ainda sob regimes ditatoriais e outros recém-saídos desses sistemas animados pela esperança da democracia. Os protagonistas desses episódios foram jovens. Era para eles que a Igreja estava olhando, seja para cuidar para que não caíssem no desânimo, sejapara formá-los como agentes da transformação, impulsionados pelo Evangelho libertador de Jesus.

Palavras-chave: jovens católicos; liberação; José Comblin.

Abstract

The Latin American Catholic Church, meeting in Puebla in 1979, made a preferential option for young people. The scenario at that time was marked by nations still under dictatorial regimes and others recently emerging from these systems with the hope of democracy. The protagonists of these episodes were young people. It was to them that the Church was looking, either to make sure they didn't fall into discouragement, or to form them as agents of transformation, driven by the liberating Gospel of Jesus

Keywords: young catholics; liberation; José Comblin.

1 INTRODUÇÃO

O pensamento teológico de José Comblin (1923-2011), teólogo de origem belga radicado no Brasil, insere-se na ordem da práxis. Na América Latina, onde desembarcou no ano de 1958, na cidade de Campinas, São Paulo, e posteriormente passando por Chile e Equador, ele encontrou não apenas um território que necessitava do anúncio do Evangelho, mas também um ambiente que clamava por transformações sociais e que para tal, a Igreja poderia contribuir de maneira muito concreta, tanto através da ação pastoral quanto da reflexão teológica. Neste sentido, além de território geográfico, a América Latina também se transformou num fecundo território teológico, que contou não só com Comblin, mas com muitos outros pensadores, como Gustavo Gutiérrez, Juan Luis Segundo e Segundo Galilea, para citar alguns, fundamentais para a Teologia da Liberação. Essa corrente teológica marcou a refle-

^{1*}* Mestrando em Teologia Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP. Graduado em Teologia pela PUC-SP (2021). É membro do grupo de pesquisa José Comblin (GPJC).
E-mail: raylsonsp@gmail.com

xão teológica latino-americana e conferiu-lhe um rosto muito próprio e definido, sendo assumida pelas Conferências Episcopais do CELAM, principalmente em Medellín, 1968, quando se destacou a opção preferencial pelos pobres, e em Puebla, 1979, onde foi acrescentada a opção preferencial pelos jovens como agentes transformadores da Igreja e da sociedade.

Quatro décadas se passaram desde a Conferência de Puebla, período em que foram realizadas três Jornadas Mundiais da Juventude na América Latina (Buenos Aires, 1987; Rio de Janeiro, 2013 e Cidade do Panamá, 2019). Esse evento de massa, voltado sobretudo para os jovens e iniciado pelo Papa João Paulo II, aponta para um cenário com um número significativo de jovens que enchem Igrejas e eventos católicos, principalmente no Brasil, impulsionada sobretudo pelas redes sociais, que exercem um impacto enorme na sociedade e no comportamento humano. Embora o contexto de hoje seja bem diferente, o cenário social ainda reclama dos cristãos, agentes de transformação, empenho para com a justiça social. Porém, o que se vê é uma juventude pouco comprometida com essas causas e que até mesmo transmitem uma repulsa por elas. Os jovens consomem bastante o catolicismo, mas o compromisso parece estar com a dinâmica de culto-domingo-templo. Poderia-se acrescentar o clero a essa tríade, mas não é possível, uma vez que há até mesmo uma seletividade entre o clero que agrada um certo nicho de jovens.

2 PUEBLA, 1979: OPTAR PELOS JOVENS, NA PERSPECTIVA DA LIBERTAÇÃO

Entre os dias 27 de janeiro até 13 de fevereiro de 1979, o episcopado latino-americano reuniu-se para a III Conferência Geral do CELAM, em Puebla de los Angeles, México. O contexto eclesial estava bastante conturbado: Paulo VI, o Papa que havia convocado a conferência, faleceu em agosto de 1978. No mesmo mês, o conclave elegeu o Papa João Paulo I, cujo pontificado relâmpago de 33 dias, até que, em outubro daquele ano, foi eleito João Paulo II, aos 58 anos. Ele foi o primeiro polonês - a Polônia era, na ocasião, comunista - e o primeiro Papa não italiano eleito desde o século XVI. A Conferência, inicialmente prevista para outubro de 1978, foi adiada para janeiro do ano seguinte.

Não bastasse a tensão no cenário eclesial, o contexto sociopolítico continuava conturbado: dezenas de países latino-americanos estavam sob regimes ditatoriais, marcado por violência, abuso de poder, denúncias de tortura e desaparecidos. Diante deste cenário de repressão, os grupos de resistência reuniam diversos jovens, muitos destes cristãos, tanto católicos quanto protestantes, que se organizavam através de movimentos estudantis ou dos próprios movimentos eclesiás, como a Ação Católica. Este último buscava fortalecer um catolicismo de cunho mais social e comprometido com a transformação da realidade política. Essas características da juventude latino-americana foram apresentadas no Documento de Puebla:

Um inconformismo que a tudo questiona; um espírito de aventura que a leva a compromissos e situações radicais; uma capacidade criadora com respostas novas para o mundo em transformação, que aspira a sempre melhorar em sinal de esperança. Sua aspiração pessoal mais espontânea e forte é a liberdade, emancipada de qualquer tutela exterior. É sinal de alegria e felicidade. Muito sensível aos problemas sociais. Exige autenticidade e simplicidade, rejeitando com rebeldia uma sociedade invadida por hipocrisias e contravalores (CELAM, Conclusões de Puebla, 1979, n. 1168)

A Conferência, que tinha como tema central a reflexão sobre a evangelização no presente e no futuro da América Latina, tomando como base a Exortação Apostólica *Evangelii Nutiandi*, (Paulo VI, 1975), fez uma “opção preferencial pelos jovens”, dedicando um capítulo do documento final. Nesse capítulo, foram apontados critérios e opções pastorais, convidando os mesmos para uma maior participação, comunhão e compromisso. João Paulo II, em seu discurso inaugural, já sinalizava esse olhar específico para a juventude latino-americana: “Quantas energias circulam na juventude, da América Latina, de que a Igreja necessita. Como devemos estar próximos dela [...]”. (DP, p. 31).

Foram 40 parágrafos (1166 a 1205) dedicados aos jovens de um texto que ultrapassou o campo teórico, sendo bem recepcionado pelos bispos, contribuindo para o desenvolvimento de uma pastoral orgânica da juventude, inspirada pelos aspectos da Teologia da Libertação, apesar de algumas limitações, por não ter considerado “os fenômenos pentecostais e a adesão maciça da juventude ao estilo carismático”, como apontou Comblin (1999, p. 218).

3 O PAPA É POP

João Paulo II era dono de um carisma único, sem dúvida, um dos líderes mais influentes do século XX. Além da sua formação religiosa, foi ator de teatro em Cracóvia, sua cidade natal, e soube usar com maestria os meios de comunicação que ganhavam cada vez mais forças durante o início de seu pontificado. Ele foi, como nenhum dos seus antecessores, o Papa das massas, reunindo multidões em centenas de suas viagens. O polonês renovou a imagem do papado e mudou a forma das pessoas, principalmente os jovens, se relacionarem com o papado nos primeiros anos de seu pontificado. Na década de oitenta, logo após o Ano Santo da Redenção, em 1983, criou a Jornada Mundial da Juventude, encontro internacional de jovens, que soava como resposta ao movimento de contracultura, que teve seu auge na década de 1960. A Jornada ocorreu na América Latina em três ocasiões, mas apenas uma delas ocorreu com João Paulo II, em 1987, na Argentina.

É emblemático o fato de que a primeira viagem de João Paulo II tenha sido a América Latina, República Dominicana, México e Bahamas, para ser mais preciso. A preferência pelo continente ficou evidente ao longo do pontificado, com quase todos os países visitados, com

alguns com senso visitados duas vezes ou mais, sempre sendo recebido por uma multidão e de maneira muito calorosa, com exceção de alguns teólogos, sobretudo os adeptos da Teologia da Libertação, que sofreriam duros golpes da Santa Sé, em especial da Congregação para a Doutrina da Fé. A libertação, colocada como base pelos teólogos latino-americanos, que deveria formar a base de formação da juventude católica, como apontava Puebla (DP, n. 1205), foi perdendo espaço para o carisma, ou melhor, para os movimentos carismáticos, principalmente no Brasil, entre as décadas de 1970 e 1980, quando eventos de massa começaram a fazer parte do itinerário de evangelização, impulsionados pelas emissoras católicas, contando com a adesão de diversos jovens.

A ascensão das emissoras católicas se tornou vitrine para diversos padres que passaram a se dividir entre a sacristia e o camarim, evangelizando no território paroquial ou em estádios de futebol, como o Morumbi, palco dos primeiros grandes encontros da Renovação Carismática Católica, que contaram com a presença do Padre Jonas Abib (1936-2022) e Padre Eduardo Dougherty, ambos fundadores de emissoras de TV católica, Canção Nova e TV Século 21, respectivamente. Esse movimento influenciou diretamente na missão e ação da Igreja do Brasil, com a influência e presença cada vez maior dos movimentos de espiritualidade carismática, de linha mais espiritualista, sejam eles ligados à RCC ou as Novas Comunidades.

4 O CATOLICISMO DE CONSUMO

Se a sacristia começa a dar espaço para o camarim, a missão começa se transformar em evento, e o evento tem custos e seus financiadores esperam lucro. Ainda que os grandes eventos promovidos pelos movimentos carismáticos e novas comunidades não tenham custos, o evento tem peso mercadológico, no qual os produtos agregam valor e geram identificação, ou seja, consumir o produto e o evento é importante para que o jovem não se sinta fora daquela realidade.

Essa estratégia, intencional ou não, tem sido explorada dos mais diversos modos nos últimos anos, especialmente com revolução da comunicação protagonizada pelas redes sociais. Hoje, não é mais preciso realizar um evento, basta demonstrar um pouco de domínio sobre doutrina católica, utilizar algumas estratégias para se tornar um *influencer* católico e assim oferecer os mais variados produtos para o público religioso. Diante de tal cenário, como discernir o que é evangelização daquilo que é apenas mercado? O esforço de evangelização, em princípio, confronta-se com algumas práticas já estabelecidas na dinâmica da influência digital, como a monetização. (Medeiros, 2024, p. 40). Para reter a audiência, muitos dos influenciadores católicos recorrem às polêmicas, muitas delas envolvendo a Igreja local, de maneira específica, a CNBB, deslegitimando qualquer discurso social sob a justificativa que

se trata de Teologia da Libertação. Este mesmo discurso também pode ser encontrado nas emissoras católicas e nas lideranças dos movimentos e novas comunidades.

CONCLUSÃO

As Redes Sociais transformaram a comunicação e exercem cada vez mais influência, impacto diretamente na sociedade, nos padrões de consumo, sendo decisivas nas eleições e não seria diferente no campo da religião. É como se existisse um Magistério da Igreja e outro paralelo, no Digital, exercendo cada vez mais influência e lucrando com a audiências dos católicos. Se multiplicam os catequistas digitais que rezam e formam o Povo de Deus, pelo menos na dimensão devocional, o que é importante, mas é um aspecto da Fé. Não deveria existir divórcio entre espiritualidade e ação, mas é o que se constata na produção de conteúdo do catolicismo de mídia. O Papa Francisco quase não é citado, menos ainda o Magistério Social. É claro que a realidade juvenil é plural, com ambientes no qual ainda há uma resistência e presença de uma Pastoral da Juventude, nos moldes daquela sonhada em Puebla, mas que não se compara com o tamanho das demais expressões juvenis. Comblin, 27 anos depois de Puebla, em um dos seus artigos, demonstrou esperança de que a Igreja latino-americana voltaria às suas fontes, com os textos de Puebla sendo estudados, meditados e postos em prática (Comblin, 2006, p. 13). Oxalá possamos vislumbrar uma Igreja formada por seguidores de Jesus, impulsionados pelo Espírito Santo, e não apenas consumidores do catolicismo e do mercado dos influenciadores.

REFERÊNCIAS

- COMBLIN, José. Puebla de Los Angeles. **Vida Pastoral**, São Paulo, jul/ago. 2006. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilios/puebla-de-los-angeles-27-de-janeiro-a-13-de-fevereiro-de-1979/>>. Acesso em: 30 out. 2024.
- COMBLIN, José. Puebla: vinte anos depois. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.31, n. 84, p. 201-222, 1999. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/830/1261>>. Acesso em: 30 out. 2021.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATIO-AMERICANO, 3., 1979, Puebla de los Angeles, México. **Evangelização no presente e no futuro da América Latina**: conclusões Puebla, texto oficial da CNBB. 4. Ed. São Paulo: Loyola, 1979.
- MEDEIROS, Fernanda de Faria *et al.* **Influenciadores digitais católicos: efeitos e perspectivas**. São Paulo: Ideias & Letras; Paulus Editora, 2024
- PAULO VI. **Exortação Apostólica Evangelii Nutiandi**, 18 dez. 1975. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html>. Acesso em: 31 out. 2024.